

PENTECOSTALISMO PÓS-CLÁSSICO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE ONDAS E NEOLOGISMOS

Post-classic pentecostalism: the approach and distancing between waves and neologisms

Orlando Eduardo Capellao Martins¹

Paulo Roberto Souza Mazarem²

RESUMO:

O presente artigo busca analisar o fenômeno pentecostal e seus desdobramentos históricos e semânticos no universo acadêmico, sinalizando um *devoir* que (re)atualiza o divisionismo indefinidamente no movimento pentecostal brasileiro, inicialmente denominado “clássico” e que a luz da sociologia da religião, estratificou-se entre ondas e neologismos, como: agências de cura divina (Mendonça, 1984), pentecostalismo autônomo (Hortal, 1989), pentecostalismos e suas ondas (Freston, 1994), neopentecostalismo (Mariano, 1999); isopentecostalismo (Campos, 1997), pseudopentecostalismo ou pós-cristianismo (Dreher 1999), parapentecostalismo (Wynarczyk, 2009). A asserção deste artigo é analisar algumas assimilações e ênfases teológicas advindas dos movimentos que surgiram do pentecostalismo clássico e que finalmente vieram a influenciá-lo. Deste modo, o título deste artigo “pentecostalismo pós-clássico” está em homologia com o contexto denominado pós-moderno surgindo como uma hipótese de leitura para os constantes processos de transformação que ocorrem entre os pentecostalismos.

Palavras-chave: Pentecostalismo; sociologia; escatologia; teologia, pós-modernidade, pós-clássico.

¹ Bacharel em Teologia (UNIFI) e Jornalismo (UNISUL), especialista em educação (DOM BOSCO), mestre em teologia (EST) e doutorando em Sociologia no ISCTE, Portugal.

² Paulo Mazarem é coordenador da Faculdade Mais de Cristo (FMC), Pastor titular na Mais de Cristo Palhoça, bacharel em teologia (FATECAMP), em teologia sistemática (FACASC) e Ciências da Religião (USJ). Contato: pauloreligiologo@icloud.com.

Introdução

O que é o pentecostalismo clássico³ (PC) surgido em meados de 1910/11 para que se fale em pentecostalismo pós-clássico (PPC)? Qual é a afinidade entre o pentecostalismo tradicional ou clássico com o neopentecostalismo⁴ e outras ondas e neologismos que dele se desdobraram? Discorrer acerca desses grupos sem procurar descrever a morfologia e as ênfases *kerigmáticas* que os constituem e os caracterizam enquanto movimentos/denominação é incorrer em insinuações absurdas e em premissas infundadas. Logo, sinalizar o *modus operandi*⁵ do movimento pentecostal clássico confrontando-os com aqueles que dele vieram a se originar é fundamental para se compreender não só as proposições que foram formuladas terminologicamente, quanto os métodos utilizados principalmente na sociologia da religião para se distinguir um grupo de outros nesse devir⁶ que perpassa o pentecostalismo como um todo, desde sua origem até os dias atuais. Deste modo, para se distinguir o PC (Pentecostalismo Clássico) do PPC (Pentecostalismo Pós-clássico) deve-se recorrer aos marcos fundantes e analisar principalmente as Assembleias de Deus, (ADs-Pentecostalismo Clássico) que nasceram no Brasil no ano de 1911 e que foram fundadas pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingrem, e se perguntar se estes movimentos que surgiram das ADs poderiam hipoteticamente ser reconhecidos pelos seus fundadores. E mais, será que o discurso das igrejas que surgiram das ADs conservou intacta a mensagem proclamada pelos seus pioneiros? Em suma este é o desafio que este artigo propositivamente quer analisar tendo como interface aquilo que denominamos de pentecostalismo pós-clássico.

³ Para uma breve tipologia sobre o pentecostalismo clássico na América [...] D'Epina entende que o “pentecostalismo sintetiza o protestantismo (cristocentricidade, biblicismo, união da com a ética) com uma forma de espiritualidade que é característica das religiões ‘populares’ (emoção, ritos de possessão, participação coletiva)”. Assim no pentecostalismo clássico é Jesus quem salva, cura, batiza com o espírito Santo e voltará como rei e “juiz escatológico”. (VIANNA, 2015, p. 1701)

⁴ O sociólogo Ricardo Mariano, que se dedicou na sua dissertação de mestrado a compreender, nos anos 90, um novo tipo de Pentecostalismo no Brasil que vinha se estruturando, desde os anos 70 do século XX, deu vida e consagrou definitivamente o conceito acima citado ao apresentar-lhe as características mais marcantes. MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **REVER**, jun. 2010, p. 3.

⁵ *Modus operandi*, do latim, modo de operação.

⁶ Heráclito é o filósofo do devir e é aquilo que está em constante processo de transformação. É célebre também pela frase: “Não podes banhar-te duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti”. Disponível em: <<https://historiadafilosofia.wordpress.com/tag/devir/>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

1. Descrição proto-sociológica do pentecostalismo clássico

Embora, muitos movimentos surgissem das ADs nascida em Belém do Pará, é necessário dizer que muitos outros movimentos que estão a surgir, não são necessariamente oriundos das ADs, mas de movimentos que se originaram a partir dela, sendo ela a “matriz” para movimentos que se replicaram por meio de filhos dela, tanto nos espaços urbanos (centro-periferia) quanto rurais (interior). Estas constatações são leituras sociológicas que decorrem do seu exorbitante crescimento no País. Todavia, é válido sempre ressaltar a condição desses pentecostais chamados de “clássicos” sinalizando sua condição social, econômica e étnica. Como nos lembra Gedeon de Alencar:

Este pentecostalismo, atualmente nominado de “clássico”, foi trazido por imigrantes pobres, sendo, portanto, absolutamente marginal, por ser uma religião de pobres e pretos. Aqui cresce entre imigrantes nordestinos e alcança todo o país sempre de forma periférica. (2000, p. 10)

Ora, esse dado é fundamental para se compreender as origens desse movimento. No entanto, sabe-se que a maioria dos adeptos que aderiram ao movimento em sua gênese eram desprovidos não só de capital econômico, capital simbólico, mas também de erudição (não apenas teológica, mas educacional), sendo quase todos em sua totalidade analfabetos ou semi-analfabetos, o que em tese confirma o fato de que o movimento cresceu e se espalhou através de um nicho social e cultural, consideravelmente precário em relação a outros grupos religiosos, tais como: igreja católica e os movimentos protestantes que já se encontravam no país. Mas, qual é o diferencial das ADs (Pentecostalismo Clássico) em relação a outras igrejas. Conforme Pommerening:

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus, conhecida como a igreja que acolheu durante muitas décadas as pessoas de uma classe social menos privilegiada, recebeu, nos últimos vinte anos, vários segmentos da sociedade que até então não se sentiam acolhidos ou ainda não se sentiam à vontade dentro deste movimento. Esta atratividade diferenciada é um fenômeno recente, podendo ser atribuído à ascensão social de boa parte dos brasileiros. Assim, pode-se dizer que as Assembleias de Deus (ADs) acolhem sempre mais pessoas das mais variadas origens, etnias e classes sociais. Se o Brasil é o país de todos, as ADs poderiam ser consideradas a igreja de todos. (2015, p. 16)

Tão importante quanto o desdobramento desse movimento, quanto a atração da simpatia pública hodierna, é considerar o fato de que nem sempre foi assim. No entanto, deixaremos as perseguições e preconceitos perpetradas contra esse movimento denominado ADs para um outro instante, cabendo-nos descrever no presente artigo, o cenário, a realidade socioeconômica, o dinamismo próprio dos movimentos carismáticos em sua realidade interna e a filosofia teológico-política que propiciou o enaltecimento do(s) milerarismo(s) e as crenças escatológicas que formaram e compuseram identitariamente esse grupo.

2. Escatologia do pentecostalismo clássico

É importante dizer que as crenças escatológicas não são necessariamente oriundas de uma determinada classe ou grupo social, porém elas são consoladoras principalmente para os grupos desfavorecidos e descomtemplados da sociedade. Se levarmos em conta os messianismos que surgiram no Brasil, por exemplo, vamos rapidamente detectar que o germe que propiciou a ascensão de um Antônio Conselheiro (Canudos) ou de um Monge chamado João Maria (Contestado) foram exatamente a(s) penúria(s) daqueles grupos desgostosos com o poder público em decorrência da desassistência do Estado e dos governantes. De acordo com Rodrigues:

Os movimentos de Canudos e do Contestado podem ser considerados como uma resposta social e política para o não cumprimento das expectativas geradas pela Proclamação da República no país. Ambos são conflitos surgidos no seio da população campestre, com grande capacidade de elaboração de tradições culturais e religiosas, ao mesmo tempo possuidora de grande articulação política. São também rebeliões identificadas pelas elites políticas ao ‘atraso’ e ao ‘fanatismo’ [...]. (2014, p. 385).

Claro, que vale a pena ressaltar aqui que embora os grupos religiosos messiânicos oriundos do catolicismo popular se distinguiam dos movimentos pentecostais, porém a estrutura escatológica em suma é similar.

A interminável experiência de opressão e humilhação, longe de levar a uma desintegração da esperança e dos laços sociais, mantém viva a orientação messiânica e permite a elaboração de efetivos movimentos de libertação e renascimento religioso que caminham à procura de seu paraíso. (ROSSI, 2007, p. 2)

Mas qual é a distinção entre a escatologia católica e a pentecostal? A diferença é que para este grupo o paraíso era um lugar imediatamente vinculado a terra e para aqueles o paraíso é/era um lugar metafísico, trans-histórico, supranatural, mas também físico-terrenal⁷ a ser gozado nos *últimos dias* única e exclusivamente pelos escolhidos, isto é, os crentes pentecostais. Ora, essa concepção ajuda a compreender a forma como o pentecostalismo plasmou/a o seu *modus vivendi* no mundo. Assim, para pessoas que se encontravam desassistidas socialmente, desprotegidas do poder público (sem segurança) e desfavorecidas em quase todas as dimensões na/da vida daquele contexto, o discurso escatológico milenarista dispensacionalista⁸ (trazido pelos missionários suécos) chegou em boa hora, e se adaptou perfeitamente com as condicionantes materiais em que estes encontraram no Brasil. Uma vez que o discurso consolador efetiva o *conforto* para os moribundos e ao mesmo tempo uma cria uma certa (des)preocupação com as coisas (cuidados) desta vida. Destarte que o apego a cultura religiosa (principalmente para o pentecostal) acaba sendo maior (devido aos laços de solidariedade comunitária), pois não só contempla as necessidades vitais da vida do membro, como (re)organiza-o no universo, dando-lhe uma nova (cosmo)visão a respeito do mundo bem como forças para o seu enfrentamento. Todavia, esse mundo (para os primeiros pentecostais) quase sempre foi/era visto por um prisma apocalíptico, isto é, como um não-lugar para os fiéis. De modo que, o indivíduo ao se ver confrontado por intempéries existenciais, pode recorrer não só a religião como fonte de consolo nas adversidades, como pode ativar por meio da homilia denominacional, mecanismos psicológicos capazes de fazerem-

⁷ O reino milenar de Cristo é único em seu gênero, nunca houve na terra um reinado como o de Cristo de paz, amor e longevidade. Os pré-milenistas creem que Jesus voltará antes do Milênio, e, assim, haverá um tempo literal de mil anos de reinado de Cristo. Creem assim os pré-tribulacionistas, os mesotribulacionistas e os pós-tribulacionistas. (GOULART, 2015, p. 315).

⁸ O Dispensacionalismo é basicamente o método de interpretação das Escrituras que vê dois povos de Deus distintos, com dois destinos distintos: Israel e a Igreja. (PITCHFORD, p. 2)

no enfrentar às crises existenciais, sejam elas quais forem: “material, relacional, social, etc...”

Portanto, tudo é teleológico, isto é, tem propósito para o crente, inclusive às tragédias, perdas e sofrimentos. Pois como é dito, tudo coopera para o bem, dos que amam a Deus e são chamados segundo o seu propósito, como escreveu S. Paulo a igreja de Roma, aliás é isso que se lê no capítulo oito (8) e versículo vinte oito (28). Em suma, como já sinalizado, as implicações sociais deste programa teológico, instalou/a na mente do fiel (cristão pentecostal clássico) uma certa desconfiança aos prazeres mundanos, dando a estes certezas misantrópicas que não lhe habitavam pré-conversão, levando-os a desistir de relacionamentos interpessoais tidos como profanos. Essa experiência tão enfatizada pelo grupo pentecostal clássico no passado, nos ajuda a compreender, o porquê o abandono das referências anteriores de sociabilidade, cujas implicações comportavam na mudança de religião, uma mudança de amizades e relacionamentos. O que significa dizer que a reconstrução dos laços de pertencimento, a partir de um novo universo valorativo e simbólico são próprios do pentecostalismo. (HEFNER, 1993) Essa crença religiosa, (pelo menos para os primeiros convertidos) convalidou a certeza imediata da vinda de Jesus, um certo desprezo pelas interações sociais e um afastamento do mundo que em função de um iminente *arrebatamento* (re)conduziriam os raptados (grupo seletivo de pessoas que desaparecerão em decorrência desse possível evento) para uma nova modalidade de existência, onde a dor e o sofrimento, não mais existirão. É certo que o repertório escatológico e retórico dos primeiros pentecostais favoreceu o apolitismo, isto é, a rejeição e não participação deste grupo na esfera pública. A política, por assim dizer, fora tratada com uma certa indiferença, sendo vista como dispensável em certa medida, pois o crente pentecostal, cuja fé paira em um Deus onipotente, pautava-se na convicção de que Jesus não só cura os enfermos, liberta os possessos de espíritos imundos e batiza com o Espírito Santo (o verdadeiro consolador que substitui o Estado) como também o assiste em suas necessidades materiais, além disso a forte crença de que Jesus voltará, resignou por muito tempo o movimento a uma vida

idiota que no grego significa “aquele que não participa da vida pública”. Parafraseando os primeiros pentecostais não se percebiam como cidadão da nova república (1889) cujos bens públicos também lhe pertenciam por direito, mas como cidadão dos céus, porque Jesus voltará! Essa leitura, revela-nos o motivo que impulsionou o movimento pentecostal clássico (maior movimento pentecostal do mundo) a um êxito inefável, pois como já destacado para os primeiros crentes, que se encontravam em total penúria, mais do que um paliativo, a crença escatológica foi uma panaceia⁹ para todos os males existentes no mundo, que por sinal jaz no maligno, e que logo estará sob o domínio do anticristo¹⁰.

Portanto, para este grupo não fazia sentido, o acúmulo de bens materiais, uma vez que todos os seus bens materiais estariam sob a tutela e o domínio do *anticristo*. Bem, daí emerge toda a cosmovisão do movimento pentecostal clássico, cujo *kerigma* é essencialmente escatológico e apocalíptico, demarcando não só as diferenças teológicas dos demais grupos que a precederam, como estabelecendo uma ética tipicamente ascética em relação as coisas deste mundo.

3. Pentecostalismo atualizado: clássico ou pós-clássico?

Uma leitura sociológica cautelosa pelo menos dos pentecostalismos, ajuda-nos a observar que entre os pentecostais há distinções que nem sempre são observadas. Daí a importância de destacarmos que concepções deterministas (estanques) ou generalizadas a respeito do fenômeno pentecostal, não devem ser acolhidas por aqueles que estudam o fenômeno, uma vez que estamos a falar de *culturas* que sofrem ininterruptamente aculturações. Segundo DeBiagg (2004, p. 138), que parafraseia a concepção antropológica de Herskovitz, a:

aculturação compreende os fenômenos que resultam do contato direto e contínuo entre os grupos de indivíduos de diferentes culturas, com subsequentes mudanças nos padrões culturais de um dos grupos ou de ambos os grupos.

⁹ Medicamento cujas propriedades podem curar todos os males.

¹⁰ Anticristo diferente de falso-cristo é um opositor ou alguém que se coloca no lugar de Cristo segundo a concepção teológica pentecostal e que dominará o mundo nos últimos dias.

Eventualmente ignora-se ao se pensar o fenômeno pentecostal, movimento marcado por dinamismos espirituais e carismáticos a aculturação que ocorre por ocasião do afrouxamento doutrinário, bem como da necessidade de se afirmar e se inscrever na sociedade, posicionando-se. Pois aquele grupo do passado, apolítico e tido como sectário, precisou se (re)inventar por questões de sobrevivência denominacional.

Contudo, é possível constatar que o pentecostalismo clássico ainda possui aspectos rígidos e solidificados. Conforme nos informa Campos:

El pentecostalismo ha puesto de manifiesto a través de sus cultos, un especial interés por reproducir en cada reunión el suceso originario de la fiesta de Pentecostés del comienzo de la iglesia cristiana [...] En el Pentecostalismo tradicional, hay lugar para la emergencia y “ministerio” de lo que podríamos llamar profetas místicos [...] Desde el comienzo hasta el final del culto se da un proceso gradual y ascendente orientado siempre a lograr un “contacto con el cielo” por el éxtasis. Así, un culto típicamente Pentecostal es el espacio donde se genera el éxtasis místico y comprende los siguientes momentos: cánticos, oración de apertura, clausura del tiempo profano, etapas de progresión mística, oración de cierre y misión o extensión del tiempo sagrado sobre el tiempo profano. (2016, p 13-15).

Como visto, o pentecostalismo tradicional ou clássico é marcado por aspectos identitários que, em certo sentido é possível caracterizá-lo e (re)significá-lo em termos descritivos, porém é óbvio que a terminologia “clássico” extrapola a sua univocidade, até porque o movimento pentecostal como um todo sofreu interna e externamente alterações significativas quando analisamos o fenômeno a luz de um novo que aqui denominaremos de pentecostalismo pós-clássico. Logo, é para fora desse aspecto bem demarcado pela gramática (e não linguística), que “pentecostal clássico” já não mais descreve aquilo que este grupo é, pois eles não estão dentro dos limites do conceito, mas escapam como um vesúvio do vulcão deixando registros sempre inéditos quando se fragmentam e por onde passam ou passaram. Ou seja, os pentecostais de cem (100) anos atrás não são mais os mesmos¹¹. É o que já ocorre com as ADs que sendo referenciada com um movimento pentecostal clássico,

¹¹ Como qualquer outra instituição, as ADs sofreram muitas modificações em seus cem anos de existência. (ALENCAR, 2013, p. 29)

deveria ser observada ou classificada como um movimento “pós-clássico” (conceito que desdobraremos mais adiante), em função de não conservar às mesmas ênfases do discurso originário. Então como chamar de clássico aquilo que está sob o domínio ou na esfera da pós-modernidade?

Ora, tendo em vista os condicionamentos estanques impostos pelas nomenclaturas, é que se constata que os neologismos, sejam eles quais forem (não dão conta de explicar as atualizações e classificações sociológicas concebidas) não conseguem explicar os novos movimentos, uma vez que eles estão em processo de metamorfose. É por este motivo que não se pode excluir classificações dentro de outras classificações, até porque isso já ocorre principalmente na sociologia, pois aquilo que para um é visto como *neopentecostal*, para outro é visto como *ondas* e isso subsiste no universo acadêmico, sem nenhuma animosidade. E talvez seja por isso que problematizar essa questão é fundamental para entendermos as mudanças que estes grupos sofrem para poder subsistir. É óbvio que se o assunto fosse de natureza ontológica, o assunto poderia se dar por encerrado. A questão é que partimos da premissa de que há um *devoir* cultural que escapa e como já proposto (re)significa o conceito classificatório destes grupos. E é aqui que reside a questão! Uma pessoa, por exemplo, pode partir do pressuposto de que o nome dela diz quem ela é, mas sabemos que isso não é verdade, pois estamos sendo afetados diariamente, por novas experiências no mundo que alteram a nossa interioridade e a forma de ser ou existir se preferir. A questão é que não somos os mesmos de dez (10) ou vinte (20) anos atrás e a maior prova está no impacto que o conhecimento e a informação geram nas eco-esferas da vida. Daí, o porquê de (re)pensarmos se estamos dando nome certo aos bois (uma analogia), pois os bois mudam! Ou não mudam? O fato é que expressões como: pentecostal, “iso-pentecostal”, “para-pentecostal”, neopentecostal ou pentecostal pós-clássico são quase sempre empregados para distinguir (a nosso ver) diferenças morfológicas e externas, não tocando nas dinâmicas de mudanças internas, produzidas pelos movimentos que se (re)configuram a todo instante. Ora, às mudanças estão aí, os movimentos surgem, (re)surgem e se transformam, e mais

não conservam a ênfase discursiva que lhe projetou enquanto movimento ou denominação no horizonte histórico hodierno. Mas há um outro fator que se sobrepõe, estaria o pentecostalismo clássico empregando as mesmas estratégias que deram origem ao movimento? E quanto aos movimentos que emergiram, a partir dela com uma nova leitura e interpretação teológica da bíblia e do mundo? Conservam eles todos os aspectos do movimento pioneiro da(s) igreja(s) ADs?

A verdade é que muitos grupos ainda se autodenominam e intitulam de pentecostais clássicos, não o sendo, nem na prática, nem na teologia, e muito menos na liturgia e ritualística. O que nos leva a uma outra questão, estão esses grupos falando o mesmo idioma? Servem-se eles de uma mesma língua(gem) teológica, litúrgica do movimento pioneiro? Pode-se deduzir que não! Mas não é isso que acontece.

É por este motivo que ao se falar em pentecostalismo pós-clássico é preciso *friccionar* pelos motivos já observados aquilo que chamamos de clássico e aquilo que chamaremos de pós-clássicos. O que acontece ainda hoje é uma certa confusão em relação a isso. É o caso da “Assembléia de Deus” Mais de Cristo¹² (MC) iniciada em 2007 pelo jovem Pastor, (na época evangelista) Junior Batista, neto e filho de pastores assembleianos, que entrevistado por uma cantora chamada *Vanilda Bordieri*, respondeu que via a Mais de Cristo, como um movimento pentecostal clássico. O jovem pastor afirmou: “Somos pentecostais clássicos”¹³! Em contrapartida em uma entrevista concedida ao Deputado Kennedy Nunes (PSD), por ocasião do 10º ano do aniversário da Mais Cristo, três anos depois, o pastor afirmou ao parlamentar que a Mais de Cristo era um movimento “pentecostal pós-clássico”. Clássicos ou pós-clássicos? Do que estamos a falar?

Apesar de se reconhecer atualmente como pós-clássica a MC¹⁴ não se reconhece como neopentecostal, como alguns incautos queiram denominar e mais é

¹² A igreja inicialmente foi chamada de Assembleia de Deus Bom retiro, depois mais tarde passou a ser chamada de Assembleia de Deus Mais de Cristo e por último adotou o epíteto: Mais de Cristo.

¹³ Fofocantora Junior Batista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uKUVgOeudy0>>. Acesso em: 08 Mar. 2018.

¹⁴ Assembleia de Deus Mais de Cristo. Disponível em: <<http://www.maisdecristo.com.br/>> Acesso em: 08 Mar. 2018.

preciso não confundir *habeas corpus* com *Corpus Christi* quando se analisa os novos pentecostalismos.

Todavia, qual é a implicação que o termo *neopentecostal* carrega quando tentamos comparar a Mais de Cristo, por exemplo, com o movimento neopentecostal, sendo que está já está consagrada pela própria liderança, como pentecostal pós-clássica? Quem são estes pentecostais que apesar de se *identificar* com a teologia pentecostal clássica não operam sob o mesmo signo de sua mãe, às ADs como veremos. E mais quem são esses pentecostais que não se moldam, nem a primeira, nem a segunda e muito menos terceira onda descrita por Paul Freston¹⁵ ?

A Mais de Cristo que denominamos de pentecostal pós-clássica, por exemplo, se diferencia da sua mãe ADs e se aproxima muito do neopentecostalismo, quando:

rompe com o pietismo ascético de isolamento social (costumes rígidos, legalismo, pobreza, sofrimento, apoliticismo), característicos do pentecostalismo clássico. Assim as igrejas [...] passam a responder às expectativas de crentes, já criados na cultura urbana, desejosos de inserção na sociedade do capital e do consumo. Seu público tem uma outra visão de mundo e ignora o passado de dificuldades dos antepassados imigrantes do interior. Entre eles já há uma classe média emergente em que a pobreza material, isolamento social, rejeição aos prazeres e vaidades não condizem com suas expectativas de vida. (Ferrari, 2007).

Embora a MC tenha sua base doutrinária (o “em que cremos”) das ADs¹⁶, sua homilia, bem como sua estratégia de crescimento¹⁷ se distanciam dos métodos empregados pelo pentecostalismo clássico das ADs. Ela é pentecostal pós-clássica, uma vez que é constituída por uma liderança jovem, urbana e tecnológica que não pauta a sua organização e estratégia eclesial nos moldes de sua mãe, às ADs. Assim poderíamos dizer que a Mais de Cristo é uma filha emancipada das ADs, uma vez que desde o seu nascimento valorizou, por exemplo, a importância da educação teológica (vista com ares de desconfiança e até colocada sub-júdice por muitos líderes

¹⁵ Paul Freston divide o pentecostalismo brasileiro em três ondas. A primeira onda tem início com a implantação de duas igrejas, a Congregação Cristã (1910) e a Assembleia de Deus (1911) e estende-se até 1950; A segunda onda ocorre nos anos de 1950 e início de 1960 em São Paulo; a terceira onda – designada também de neopentecostal - surge na década de 70, através da IURD - Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja da Graça e Renascer, etc... (FRESTON, 1993: 64;112)

¹⁶ SILVA, Esequias Soares da. *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

¹⁷ Seguindo a estratégia do Pr. Rick Warren, esta igreja entende que tem 5 propósitos: adorar, servir, evangelizar, integrar, discipular. Disponível em: < <http://www.maisdecristo.com.br/5-propositos/> >. Acesso em: 08 Mar. 2018.

do movimento pentecostal clássico pelas ADs do passado), ela também superou concepções escatomaníacas ou escatolátricas relativamente presentes em muitas religiões, incluindo o pentecostalismo clássico pioneiro.

Em suma, o que distancia o clássico, do pós-clássico e do neopentecostal são as abordagens teológicas, as práticas e os enfrentamentos com que essas instituições lidam diante do mundo. Hoje sabe-se que as ADs tradicionais também superaram a questão do analfabetismo e semiletramento, é o caso das ADs em Joinville¹⁸ que inclusive possui faculdade teológica reconhecida pelo MEC. Não menos importante que essas considerações é sinalizar que a MC nunca sofreu com a questão do letramento e do conhecimento teológico formal como aconteceu no pentecostalismo clássico, cujas posições anti-intelectualistas pautavam-se na tese de que “a letra mata, mas o espírito vivifica” e que ao invés de se fazer teologia, deve-se fazer joelhologia. O pentecostalismo que denominamos “pós-clássico” no qual incluímos a Mais de Cristo não só supera as práticas e as vivências do pentecostalismo clássico concernentes ao estudo,¹⁹ como incentiva o conhecimento (não só bíblico), mas erudito e teológico, sendo está também constituída por um corpo docente que atua na área de formação de obreiros e leigos em teologia na Faculdade Mais de Cristo²⁰ (FMC).

4. Pentecostalismo pós-clássico

O termo *pós-clássico*, não possui a mesma conotação empregada por Lyotard, que corroborou a tese de que a *pós-modernidade* é marcada pelo abandono das grandes narrativas, acentuadamente individualizadas, pelo contrário, entendemos aqui, *pós* como uma superação da modernidade pelo aspecto filo-sócio-antropológico que diagnosticou com a chegada do iluminismo e pelos filósofos da suspeita a morte da religião, o que não ocorreu! Já pelo aspecto teológico quando pensamos a Mais de Cristo e as ADs o que se percebe é que a primeira é pós-clássica não por ser pós-

¹⁸ Nossa história. < <http://www.ceeduc.edu.br/nossahistoria.php> > Acesso em: 08 Mar. 2018.

¹⁹ Em muitas igrejas neopentecostais continua o anti-intelectualismo na supressão de escolas teológicas. A principal forma de ascensão ministerial é a metonímia ao líder principal.

²⁰ Faculdade Mais de Cristo. Disponível em: < <https://faculdademaisdecristo.com.br> > Acesso em: 05 Jan 21.

moderna, mas por se perceber além dos limites das ADs, bem como por dialogar desde de sua origem com um público pós-moderno, na tentativa de (re)situá-los, a partir de questões histórico-sociais a uma espiritualidade contemporizada.

Assim, entende-se que não há nenhum paralogismo ao supor que a Mais de Cristo é um pentecostalismo protestantizado que por assimilação de um discurso racional, sistêmico e ético aos moldes weberianos, protestantizou-se e ao mesmo tempo que conservou aspectos espirituais de sua mãe.

Uma outra consideração não menos importante é que o termo *pós-clássico* é aqui utilizado para distinguir aspectos cronológicos, uma vez que a MC, por exemplo, nasce em uma geração que poderíamos chamar de geração Z²¹.

Além disso quando pensamos em pós-modernidade é preciso ter em mente a subjetividade religiosa, o multiculturalismo e pluralismo, todos eles concatenados formando um novo jeito de crer e pertencer, o que inclui os pentecostais aqui chamados de pós-clássicos. Embora, escolhêssemos o conceito pós, sabemos que alguns não reconhecem o momento como pós, mas como “sobremodernidade” (Augé) “transmodernidade” (Dussel) e “modernidade líquida” (Baumann), é por isso que destaca-se que o filósofo francês Jean-François Lyotard, foi o primeiro a tratar a pós-modernidade como uma mudança geral na condição humana (LOMBARDI, 2003, p. 4). Aqui situamos o conceito de pós-modernidade com a intenção de caracterizar os aspectos que singularizam a MC como um movimento pós-clássico.

Contudo, deve-se insistir na tese de que ela é pós-clássica dado ao contexto de seu surgimento, e como sendo oriunda de um movimento clássico, norteados (como já destacado) por uma liderança jovem, urbana e tecnológica que não pauta sua estratégia e organização eclesial nos moldes protológicos da ADs. Deste modo, é interessante observar que nas MC segue um conceito-síntese de “teologia da excelência”, ao contrário das ADs que em seu desdobramento histórico perseguiu, por exemplo, a “teologia do sofrimento” (1911-1946); a “teologia da disciplina”

²¹ Geração hipercognitiva, capaz de viver múltiplas realidades, presenciais e digitais, ao mesmo tempo.

(1946-1988) e por último “a teologia da competência” (1988-2011). (ALENCAR, 2013, p. 25).

Considerações finais

As considerações registradas nesse artigo visaram preencher uma lacuna epistemológica de atualização para os pentecostalismos que surgiram a partir do ano 2000, considerando que a MC foi privilegiada na leitura daquilo que chamamos de pentecostalismo pós-clássico. Nesse ponto destacamos os movimentos internos que ocorreram dentro das ADs, bem como os movimentos que surgiram, a partir dela e que continuaram utilizando e se identificando pelo epíteto de pentecostalismo clássico, tendo em vista que esses movimentos que dela se originaram, já não correspondem a propositiva protológica do movimento pentecostal clássico pioneiro, iniciado em 1911.

Enfim, entre ondas e neologismos procuramos apontar para o fato de que o uso do conceito pós-clássico não está equivocado, dado ao pluralismo religioso em que nos encontramos, bem como as novas expressões de fé que se (re)inventam e que se atualizam ininterruptamente.

Referências:

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Tradução: Bruno César Cavalcanti. Maceió: EDUFAL; UNESP, 2010.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos diálogos, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMPOS, Bernardo. **De la Reforma Protestante a la Pentecostalidad de la Iglesia**. *Debate sobre el Pentecostalismo en América Latina*. Quito: CLAI, 1997.

CAMPOS, Bernardo. Estructura y Morfología del Culto Pentecostal Tradicional. **Azusa Revista de Estudos Pentecostais**, v. VII, n. 2, jul./dez.2016, p. 12, Joinville, REFIDIM, 2016.

DEBIAGGI, Sylvia Duarte Dantas; Paiva, Geraldo José de. Organizadores. **Psicologia, E imigração e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del Índio**. 1492: hacia El origen del mito de La modernidad. México. Cambio XXI; Colégio Nacional de Ciencias Políticas y Administración Pública, 1992.

FERRARI, A. O. **Bispo S/A**. A Igreja Universal do Reino de Deus e o Exercício do Poder. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment, tese de doutorado, Universidade de Campinas. 1993.

GOULART, Ademir. **Escatologia Fatos e Meditações**: A Esperança Pentecostal de Eternidade. Biblioteca 24 horas. 2015, p. 315.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LOMBARDI, J. C. **Globalização, pós-modernidade e educação**: história, filosofia e temas transversais. 2ª ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: UnC, 2003.

MENZIES, ROBERT P. **Pentecostes**, essa história é a nossa história. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

POMMERENING, Claiton Ivan. **FÁBRICA DE PASTORES**: *Interfaces e divergências entre a educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. Tese de doutorado. São Leopoldo: EST, 2016.

RODRIGUES, R. R. **Animatógrafo da guerra: Canudos e Contestado e a fotografia militar no Brasil**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 2, p. 383-401, maio-ago. 2014. Disponível : < <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v9n2/a08v9n2.pdf> >. Acesso em: 08 mar. 2018.

VIANNA, Marcelo. **A historia e as novas tecnologias**: reunião de artigos do II encontro de pesquisas históricas - PUCRS [et. al] (organizadores). Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio grande do Sul, 2015.

WYNARCZYK, Hilario. **Ciudadanos de dos mundos**. El movimiento evangélico en la vida pública argentina 1980-2001. Buenos Aires: UNSAM EDITA. 2009.